

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3



ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alessandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 3 / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-538-9

DOI 10.22533/at.ed.389202810

1. Sociologia. 2. Desenvolvimento Humano. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar e sociedade, o indivíduo, a intersubjetividade e as relações sociais são preocupações constantes nos artigos e capítulos que integram a obra “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3”. O livro reúne uma série de contribuições da pesquisa social que buscam dar os contornos sobre a vida em sociedade, sobre as identidades e comunidades sociais.

A variedade de olhares que surgem nos capítulos dá conta de uma abordagem ampla sobre diversos temas atuais e urgentes. Sobretudo de questões relacionadas aos processos identitários, à etnicidade, dentre outros. Aqui, destacam-se os trabalhos que abordam as redes de interdependências estabelecidas a partir dos jogos indígenas, a tradição e a sobrevivência de comunidades pesqueiras portuguesas, entre comunidades geracionais, grupos de trabalho e identidades profissionais.

As vulnerabilidades social e laboral também são evidenciadas e debatidas à luz das correntes sociológicas nos trabalhos aqui destacados. Dentre eles podemos ressaltar pesquisas sobre políticas públicas para dependentes de novas drogas psicoativas, a precarização do trabalho e as condições sanitárias no mercado sexual durante a pandemia, as redes de apoio e grupos de identidade vinculados às pessoas em situação de rua, e as condições de representatividades da comunidade carcerária.

O rigor metodológico e as contribuições de múltiplas observações do campo social faz da coleção “A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 3” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

GEORG SIMMEL E A EDUCAÇÃO COMO TRAGÉDIA

Elson dos Santos Gomes Junior
Rafael Ferreira Pureza de Oliveira
Marcos Felipe Medeiros de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3892028101

CAPÍTULO 2..... 12

ENTRE TRADIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DO TRABALHO DO MAR: DILEMAS GERACIONAIS DAS COMUNIDADES PISCATÓRIAS PORTUGUESAS

Licínio Manuel Vicente Tomás

DOI 10.22533/at.ed.3892028102

CAPÍTULO 3..... 28

EDUCAÇÃO INFORMAL E EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA: INVESTIGAÇÃO SOBRE SENIORES RESIDENTES EM VIANA DO CASTELO

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

DOI 10.22533/at.ed.3892028103

CAPÍTULO 4..... 41

UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS MERCADOS DAS NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS (NSP)

Susana Henriques
Maria das Dores Guerreiro
Joana Paula Silva

DOI 10.22533/at.ed.3892028104

CAPÍTULO 5..... 55

SABERES TRADICIONAIS: UMA PESQUISA PARTICIPANTE REALIZADA COM O MOVIMENTO DAS APRENDIZES DA SABEDORIA

Ana Paula Huçalo
Analine Badotti Batista
Cristina Ide Fujinaga
Fernando Stora
Francieli Aparecida Zakseski
Marina Joice Keil
Willidiane Tessari

DOI 10.22533/at.ed.3892028105

CAPÍTULO 6..... 68

REGULAÇÃO E DESREGULAÇÃO DO TRABALHO: TRABALHO SEXUAL, PANDEMIA, CRISE, EXCLUSÃO E ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO

Roseli Bregantin Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.3892028106

CAPÍTULO 7	83
O LUGAR DE SUJEITO E O INDIVÍDUO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	
Amanda Marques de Carvalho Gondim	
José Luís Simões	
Izabel Adriana Gomes de Sena Simões	
DOI 10.22533/at.ed.3892028107	
CAPÍTULO 8	90
JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS: REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS	
Deoclecio Rocco Gruppi	
DOI 10.22533/at.ed.3892028108	
CAPÍTULO 9	108
ENTRE SOCIABILIDADES E DESIGUALDADES: AS REDES DE APOIO NAS RUAS	
Anne Gabriele Lima Sousa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3892028109	
CAPÍTULO 10	121
DINÂMICAS DE AÇÃO DOS FISIOTERAPEUTAS PORTUGUESES - TENDÊNCIAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS	
Paula Soares	
DOI 10.22533/at.ed.38920281010	
CAPÍTULO 11	135
DINÂMICAS DA FAMÍLIA EMPRESÁRIA, REFLEXIVIDADE E A SUCESSÃO: A FERRAMENTA DO PROTOCOLO FAMILIAR	
Ana Paula Marques	
António Nogueira da Costa	
Paula Freire	
DOI 10.22533/at.ed.38920281011	
CAPÍTULO 12	151
COMUNIDADE DE MOTOCICLISTAS: UMA ABORDAGEM SOBRE UM MOTO CLUBE DO PARANÁ	
Karine Aparecida de Lima	
Bárbara Mendes Paz Chao	
Danielle Soraya da Silva Figueiredo	
Fabio Antonio Matucheski Zarpelon	
Iara Rodrigues Vieira	
Cristiana Magni	
Reinaldo Knorek	
DOI 10.22533/at.ed.38920281012	
CAPÍTULO 13	160
AUTONOMIA PROFISSIONAL DAS NOVAS PROFISSÕES DA SAÚDE EM	

PORTUGAL - OS TÉCNICOS SUPERIORES DE RADIOLOGIA

António Fernando Caldeira Lagem Abrantes

Rui Pedro Pereira de Almeida

Luís Pedro Vieira Ribeiro

Bianca Vicente

Kevin Barros Azevedo

Carlos Alberto da Silva

Dulce Miranda

DOI 10.22533/at.ed.38920281013

CAPÍTULO 14..... 172

ATUAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA NO INTRAMUROS DO PRP-RS

Jiulia Estela Heling

DOI 10.22533/at.ed.38920281014

CAPÍTULO 15..... 180

APROXIMAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE PODER E AUTORIDADE NA SOCIOLOGIA DA AÇÃO EM WEBER

Alexsandro Teixeira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.38920281015

CAPÍTULO 16..... 193

A PROSTITUIÇÃO SOB ESCRUTÍNIO: QUANDO OS PROJETOS ANTIPROSTITUIÇÃO DO FEMINISMO ABOLICIONISTA E DE RELIGIOSOS CRISTÃOS CONVERGEM NO BRASIL

Tiago Luís Coelho Vaz Silva

DOI 10.22533/at.ed.38920281016

CAPÍTULO 17..... 206

A COMPLEXIFICAÇÃO DO PROCESSO CIVILIZADOR NOS DISCURSOS DA MÍDIA ESPORTIVA NO MIXED MARTIAL ARTS - MMA FEMININO

Luara Faria dos Santos

Ana Carla Dias Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.38920281017

SOBRE O ORGANIZADOR..... 217

ÍNDICE REMISSIVO..... 218

CAPÍTULO 9

ENTRE SOCIABILIDADES E DESIGUALDADES: AS REDES DE APOIO NAS RUAS

Data de aceite: 26/10/2020

Data de submissão: 27/07/2020

Anne Gabriele Lima Sousa de Carvalho

Universidade Federal do Oeste da Bahia
Barreiras – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/7810828288364595>

RESUMO: Este trabalho direciona o olhar para a sociabilidade estabelecida entre indivíduos em situação de rua, com o objetivo de analisar em que medida suas maiores ou menores inserções em redes de apoio, como os vínculos estabelecidos com o Estado, com familiares, com outros moradores de rua ou com não-moradores de rua, geram posicionamentos distintos na hierarquia simbólica inerente à organização da vida nesse espaço. As reflexões se baseiam na realização de um trabalho de campo nas ruas do centro da cidade de João Pessoa, Paraíba, onde foram realizadas entrevistas em profundidade com 18 indivíduos em situação de rua. A partir da análise, percebe-se que os recursos proporcionados por essas redes de apoio se revelam como um capital social fundamental para a compreensão das posições desiguais dos agentes na dinâmica social que cerceia a vida nas ruas, condicionando rotinas e estratégias de sobrevivência distintas no cotidiano desses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Situação de rua. Redes de apoio. Posições desiguais.

BETWEEN SOCIABILITIES AND INEQUALITIES: SUPPORT NETWORKS ON THE STREETS

ABSTRACT: This work focuses on the sociability established among individuals on the streets, with the objective of analyzing the extent to which their greater or lesser insertions in support networks, such as the links established with the State, with family members, with other residents on the street or with non-homeless people, generate different positions in the symbolic hierarchy inherent to the organization of life in this space. The reflections are based on the realization of fieldwork in the streets of the city center of João Pessoa, Paraíba, where in-depth interviews were conducted with 18 individuals on the streets. From the analysis, it is clear that the resources provided by these support networks are revealed as a fundamental social capital for understanding the unequal positions of agents in the social dynamics that surrounds life on the streets, conditioning different routines and survival strategies in the everyday life of these individuals.

KEYWORDS: Street situation. Support networks. Unequal positions.

1 | INTRODUÇÃO

A inserção dos indivíduos na situação de rua representa a ruptura com laços sociais fundamentais. A sobrevivência nesse espaço, porém, exige a construção de novas relações sociais, com vistas à sobrevivência nesse cenário adverso.

Este trabalho busca a apreensão da

sociabilidade estabelecida da vida de rua. Compreende-se a rua, sob a ótica de Bourdieu (1983, 1992 e 2007), como um campo permeado por relações de poder, onde o capital social se revela como significativo para o estabelecimento de distinções e atribuição de maior ou menor vantagem aos indivíduos em determinados contextos. O autor compreende capital social como o recurso alcançado pelos indivíduos a partir das suas redes de relacionamentos, conferindo-lhes poder em um dado campo.

Fontes (2010) ressalta que as redes sociais podem atuar na reconstrução da sociabilidade entre indivíduos socialmente excluídos, no sentido de amenizar as perdas sofridas, a partir da mobilização de recursos. O autor também ressalta que os vínculos que possibilitam aos indivíduos acesso a recursos podem ter inscrições sociais diversas, como o mercado, o Estado e as relações interpessoais. O acesso diferenciado aos recursos oferecidos por essas redes pode estruturar suas identidades, diferenciando uns dos outros.

Este trabalho direciona o olhar para as redes de apoio com as quais os indivíduos contam para sobreviverem e organizarem suas rotinas na situação de rua, buscando observar em que medida sua maior ou menor inserção em redes sociais específicas implica em posicionamentos distintos na hierarquia simbólica inerente à vida nesse espaço.

As reflexões apresentadas se basearam em um trabalho de campo realizado no centro de João Pessoa, capital da Paraíba, onde buscou-se observar as áreas com maior concentração de indivíduos em situação de rua, bem como identificar interlocutores para a realização de entrevistas. Foram realizadas 18 entrevistas em profundidade que, somadas às dezenas de relatos informais e às demais observações realizadas, possibilitaram a apreensão de um amplo conjunto de informações e interpretações.

A análise apresentada ao longo do trabalho voltou-se para a compreensão da forma como os indivíduos se relacionam com determinadas redes de apoio cotidianas, como os vínculos estabelecidos com o Estado, com familiares, com outros moradores de rua ou com outros atores – trabalhadores, moradores e frequentadores do entorno em que habitam ou transitam.

2 | RELAÇÃO COM O ESTADO

O olhar do Estado para a população em situação de rua, no sentido de desenvolver projetos e políticas sociais, torna-se mais perceptível em âmbitos locais, através de iniciativas de algumas prefeituras, como pode ser notado nos trabalhos de Oliveira (2008) e de Silva e Herrera (2008), entre outros.

No que se refere à João Pessoa, a prefeitura, através da Secretaria de

Desenvolvimento Social, conta com um cadastro de indivíduos adultos em situação de rua. O cadastro garante a esses indivíduos alguns benefícios, como alimentação diária, assistência médica e psicológica, confecção de documentos, passagem de volta para suas cidades, além de abrigo noturno na “Casa de Acolhida” - um albergue com vagas limitadas.

Considera-se que a participação ou não-participação dos indivíduos nessas políticas pode revelar diferenças no volume de capital social, visto que a relação desses indivíduos com os órgãos estatais, no sentido de se tornarem beneficiários dessas ações, oferecem-lhes vantagens na vida de rua, que não são disponibilizadas aos que não possuem esse vínculo.

Em âmbito federal ou estadual, nenhum dos indivíduos que colaboraram com a pesquisa estava inserido em qualquer programa ou benefício do governo. Em âmbito local, com relação ao cadastro na prefeitura, apenas sete, dos 18 entrevistados, dispõem desse benefício, embora todos os entrevistados não-cadastrados afirmem saber que há a distribuição de refeições. Muitos deles frequentam a fila de espera no local, aguardando as refeições que sobram da fila dos indivíduos cadastrados.

Em muitas cidades, onde há a presença de movimentos sociais formados por indivíduos em situação de rua, esses movimentos atuam no sentido de informar a população e de requerer políticas que beneficiem todo o conjunto de indivíduos nessa situação (ROSA, 2005). Na Paraíba, no entanto, não há a presença de nenhum movimento formado por esses indivíduos. Os indivíduos inseridos nesse cenário, muitas vezes nem sabem que possuem algum direito. Isso ajuda a compreender o baixo número de indivíduos cadastrados, sem direito aos mesmos benefícios dos que possuem o cadastro.

São cadastrados na prefeitura aqueles indivíduos que procuram o setor de assistência social para solicitar algum benefício, como passagem, segunda via de documentos, alimentação ou acolhida, entre outros. Muitas vezes, porém, os indivíduos não procuram a inclusão no cadastro por falta de orientação acerca de como ele é realizado e percebem que se posicionam em desvantagem em relação àqueles que possuem supostos requisitos para o cadastro. Isso pode ser constatado nos exemplos abaixo.

Dodora, 62 anos, que não está cadastrada, ao ser indagada, salienta: “eu nunca fui atrás de saber não, que eu num tenho documento mesmo. É tudo mais difícil para quem não tem documento, que se não tem documento não tem como conseguir as coisas. É o meu caso”. Da mesma forma, Genaro, 60 anos, afirma que não sabia do cadastro e reforça: “Não, que parece que é eles que procuram para botar o nome, né a gente não [...] Parece que só quem ganha é quem já dormiu uns tempos lá no albergue. Parece que é uma coisa dessas”.

Ao mesmo tempo, ao serem questionados se gostariam de ser cadastrados,

os informantes declaram: “Com certeza. Só de não ter que pegar fila é bom demais, que não é nem sempre que tem [refeição]. Tem dia que acaba é cedo” (Genaro); “Para pegar a ‘quentinha’? Mas é claro. Todo mundo quer. Se não quisesse não ia todo mundo lá para fila” (Salette, 51 anos).

Observou-se que a relação com o Estado, mantida pelos indivíduos a partir do cadastro na prefeitura, oferece aos mesmos vantagens que os distinguem daqueles que não tem acesso ao benefício. Em alguns casos, essa distinção é percebida pelos indivíduos que estão incluídos no cadastro e utilizada por eles para tirar proveitos sobre os demais.

Um exemplo é o caso de Paulo, 58 anos, cadastrado na prefeitura. Ele conta que adoeceu logo que chegou em João Pessoa e lhe foi sugerido por um outro morador de rua que procurasse a assistência social do município, através da qual foi encaminhado para médicos e exames. Conta também que já passou um tempo na “Casa de Acolhida”, mas optou por voltar para a rua, devido à rigidez das normas. Paulo ressalta que vê o fato de ser cadastrado como uma vantagem, pois tem acesso às refeições diárias, distribuídas em marmitas. Ele tem nessas marmitas uma segunda fonte de renda. Como consegue alimentação diária no trabalho de “mandado”¹ que exerce no Mercado Central, costuma vender as marmitas, ou mesmo trocá-las por cigarros ou bebidas.

O cadastro na prefeitura, nesse sentido, revela-se como um bem, que outorga benefícios a alguns, posicionando quem não o possui em uma condição inferior, pois esses indivíduos precisam percorrer caminhos mais árduos e instáveis para o alcance dos mesmos recursos, como a fila de espera, a captação de doações de outros fundos, ou mesmo a partir do desembolso de seus próprios recursos financeiros. A posição dos indivíduos em relação ao cadastro na prefeitura, deste modo, revela-se como um indicador da posse de capital social, situando-os em posições de poder distintas no campo, pois define seu maior ou menor reconhecimento e amparo nesse espaço.

No entanto, o fato da maioria de indivíduos em situação de rua não serem cadastrados demonstra a limitada ação dessas políticas, que beneficia apenas uma parcela dessa população.

3 | RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

A família é percebida como um dos principais eixos organizadores da vida, fonte de suporte material e afetivo dos indivíduos. Scott (2011), no entanto, lembra que a família deve ser pensada a partir de uma multiplicidade de referências. Ela pode ser compreendida tanto como reduto de solidariedade, como também enquanto

¹ Mandado é o nome dado pelos indivíduos em situação de rua a ocupação de biscate. Significa que o mesmo presta pequenos serviços temporários em troca de alguma gorjeta.

um lugar de tensões, no seio do qual as desigualdades são intensificadas.

Vários trabalhos que se dedicaram a estudar a vida da população em situação de rua em diferentes cidades brasileiras (SCOREL, 1999; FRANGELLA, 2004; GEHLEN e SCHUCH, 2008; MENDES, 2007; ROSA, 2005) observaram que a circunstância limite que desencadeou na situação de rua, na maioria das vezes, tem forte envolvimento com a ruptura familiar desses indivíduos. Esse rompimento familiar permitiria compreender, em parte, a ausência de relações familiares que marca a vida de rua de dois terços dos entrevistados desta pesquisa. Da mesma forma, observou-se que a ausência de contato familiar é mais comum entre indivíduos que já estão há mais de dois anos na rua, constituindo o que Rosa (2005) chamou de situação crônica de rua, quando o tempo na rua torna as possibilidades de saída dessa situação cada vez mais distantes, pelo processual rompimento dos vínculos fora dali.

Percebe-se, no entanto, que, em alguns casos, os indivíduos nunca contaram com laços familiares suficientemente sólidos, ou perderam-lhes ainda muito cedo, antes mesmo das rupturas que desencadearam na situação de rua. A fragilidade dessas relações fica mais clara quando olhamos para alguns exemplos, como o de Salete, que, aos 15 anos, grávida, foi entregue pela família para um casal de Belo Horizonte, fazendo com que passasse seus próximos anos exercendo trabalho doméstico não-remunerado. Salete perdeu, naquele momento, seus laços familiares e nunca conseguiu reconstruí-los, razão pela qual hoje vive nas ruas. Outro exemplo é o de Bel, travesti, de 32 anos, expulsa de casa aos 14 anos devido à não aceitação da sua sexualidade pela família nuclear, fazendo com que fosse criada pela avó. Com o falecimento da avó, Bel hoje vive nas ruas, visto que não recebeu amparo de qualquer familiar. Ou mesmo no caso de Francisco, 31 anos, tendo ido viver com a tia, ainda adolescente, devido ao falecimento da mãe. Anos depois foi entregue pela tia ao pai, com quem nunca havia convivido e, posteriormente, sofrido abuso sexual. A fuga para a rua representou a busca por segurança.

O distanciamento que afasta a família do seu papel de rede de apoio para esses indivíduos apresenta-se a partir de uma relação de mão dupla: por um lado, a família não oferece auxílio para as dificuldades vivenciadas pelos indivíduos; por outro lado, os próprios indivíduos também não procuram esse auxílio, possivelmente para que sua condição de subordinação não seja reforçada. A família, nessa perspectiva, não é classificada como uma estrutura que representa amparo, mas como uma instância de julgamento.

Como exemplo, Genaro está na rua, segundo ele, “por escolha própria”, desde a separação da esposa, e não procura a família para que não o vejam na atual condição física. Jacinto, 40 anos, na rua por desemprego, embora tenha contato com os irmãos, não procura auxílio para que não o vejam como um fracassado.

Dodora, 62 anos, está na rua devido a complicações causadas pelo diabetes e não procura a família, que não sabe que ela vive na rua, porque não quer ser um peso para os outros carregarem.

Nota-se também que o contato entre os indivíduos e a família ocorre com mais frequência entre mulheres que possuem filhos menores vivendo com outras pessoas. Em termos materiais/financeiros, esse contato se dá mais no sentido de oferecer recursos aos filhos do que de receber algum auxílio. Indiretamente, porém, o mesmo contato lhes confere uma espécie de conforto emocional e, neste sentido, revela-se como um recurso que atua como um capital social que produz ânimo para o enfrentamento das situações adversidades, como ilustra o relato de Neném, 35 anos: “Eu faço tudo pelos meus meninos, morro por eles (...) Eu só num fiz mais besteiras na minha vida porque tenho eles, que precisam de mim”. E Kelly, 35 anos, reforça:

Eu quero dar exemplo para as minhas filhas. [...] Eu posso não ser boa esposa, boa empregada, boa filha, não ser nada de bom, mas boa mãe eu devo ser. Porque mesmo eu nessa situação, nunca deixo faltar nada para as minhas filhas. Um dia Deus há de permitir que eu possa dar um lugarzinho para elas viverem comigo. Eu vivo esperando esse dia.

No único caso estudado em que o indivíduo conta com a ajuda material de familiares - Raimundo, de 65 anos -, devido ao fato desse contato ser esporádico e não se revelar como uma de suas principais fontes de auxílio na rua, revela-se como um laço fraco, posto que não lhe oferece nenhuma segurança com relação a suprir suas necessidades básicas.

Percebe-se que a rede de apoio formada pelos vínculos entre os indivíduos em situação de rua e seus familiares não se revela como uma fonte comum de recursos à qual costumam recorrer em busca de amparo para as dificuldades encontradas. Não obstante, em alguns casos esse vínculo representa uma certa significância para os indivíduos que o possuem. Os recursos mobilizados por essa posse, porém, revelam-se limitados e insuficientes para configurar um volume expressivo de capital social.

4 I RELAÇÃO ENTRE PARES DE RUA

As redes de apoio formadas pelos que compartilham um mesmo espaço se revelam como fundamentais para a sobrevivência e para o reconhecimento interno dos indivíduos em situação de rua (FRANGELLA, 2004).

Mais da metade dos entrevistados declarou contar com o apoio oferecido por outros moradores de rua. Observou-se que as relações de apoio entre pares

são estabelecidas, principalmente, entre indivíduos que habitam áreas menos protegidas, por representarem áreas de circulação mais desregulada. Isso pode ser compreendido se considerada a maior vulnerabilidade a qual estão sujeitos os indivíduos que habitam áreas de circulação mais irrestrita, diferente dos que habitam áreas de circulação relativamente mais reguladas e que contam com outros recursos de segurança e assistência, como a oferecida por outros indivíduos, não-moradores de rua.

Segundo os entrevistados, entre os tipos de recursos alcançados pelas redes de apoio entre pares de rua, estão: o compartilhamento de comida e de água, de colchão ou de papelão, de cobertor, de bebidas alcoólicas e outras drogas, além de maior segurança para dormir.

A segurança para dormir se apresenta como o quesito mais enfatizado pelos agentes entrevistados, garantindo-lhes uma relativa tranquilidade nos seus momentos de descanso, pois acreditam que não a teriam se não tivessem esse vínculo com outros indivíduos na mesma situação.

Isso é ilustrado pelo relato de Neném, ao ser perguntada sobre como seria dormir sem a companhia de outros indivíduos em situação de rua:

Dá para dormir só não, é esquisito. Pelo menos eu acho. Principalmente mulher, que os outros mexem. Que dá medo, dá! A gente vê as coisas que acontecem e fica é com medo [...] Quando você faz amizade é melhor. Quando cai aqui, tem que fazer amizade, que aí ninguém mexe. Eu conheço todo mundo, bem dizer. Ninguém mexe comigo, acho que vê que todo mundo me conhece. Se não fosse isso era ruim.

Bel, que dorme em companhia de outras três pessoas, conta que assim que foi viver na rua nem dormia, pois sentia medo por sempre lembrar dos casos noticiados de moradores de rua queimados em outras cidades. Para ela, a construção de laços com outros indivíduos na mesma situação faz com que se sinta menos desprotegida.

Constatou-se, porém, que a inserção do indivíduo nessa rede não ocorre indiscriminadamente. Em muitas situações, para que seja aceito pelo grupo de indivíduos estabelecidos em um espaço, o indivíduo recém-chegado precisa se submeter às regras impostas pelos demais.

Elias e Scotson (2000), em pesquisa sobre as relações de poder entre dois grupos relativamente homogêneos, residentes em uma comunidade industrial inglesa, ressaltam que a relação de poder entre eles se dava em função do tempo de residência no local. O grupo estabelecido considerava-se superior aos que residiam a menos tempo no lugar, tratados como “outsiders”.

Nota-se, porém, que essa hierarquização entre estabelecidos e recém-chegados no espaço não cria uma barreira intransponível na vida de rua. A aceitação dos recém-chegados se dá por meio de negociações e da obtenção de vantagens

personais pelos indivíduos já estabelecidos no espaço, sob pena do recém-chegado ficar exposto aos riscos do isolamento na rua. Neste sentido, o indivíduo que deseja penetrar em determinado território monopolizado por outros indivíduos deve oferecer em troca algum tipo de moeda, como dinheiro, bebidas, cigarros, drogas, alimentos, entre outros, para que seja aceito, como pode ser observado no depoimento de Francisco:

Não é chegar, assim, se entocando. Não é qualquer doido, que pode até dar o vacilo, aprestar com os outros. Logo de início, tem que ver [...] É normal isso. Quando chega, dá cigarro de fumo, traz cana, dá um miúdo, o de comer, essas coisas assim. Não é só aqui. Lá no Rio [*Rio de Janeiro, onde Francisco também já viveu na rua*] também tem. Acho que todo canto tem. É normal [...]

No caso das mulheres, muitas vezes, o ritual para permanência no espaço é cumprido através de relações sexuais, como lembra Kelly:

Toda vez que eu chegava num canto novo para dormir, tinha que agradar quem tava ali. Tinha vezes que precisava agradar quatro, cinco homens na mesma noite. Tinha vezes que só fazia ter nojo. Mas era o jeito, né? [...] Às vezes era o povo de rua mesmo, mas também tinha vezes que eram os vigias da rua, os pedreiros das obras [...] Tinha que fazer para me deixarem pousar por ali. Pelo menos não estavam me arrancando pedaço. E depois iam me proteger, né? Porque se fosse em outro canto era arriscado até chegar alguém fazendo maldade [...] Quando os outros já te conhecem, já passam a respeitar mais. Hoje ninguém mexe mais comigo. Mas de início não pode contrariar.

Na percepção da entrevistada, inserida em um campo regido por leis próprias e masculinizadas, e onde a violência se apresenta como um elemento orientador das práticas e das relações, a ‘maldade’ é concebida apenas como a ameaça “exterior” ao território no qual ela está inserida. A violência da qual muitas vezes foi vítima representava o preço da sua proteção, legitimando a dominação dos indivíduos já estabelecidos no espaço.

Nos casos explanados, pode-se notar que as trocas para o consentido ingresso no espaço são comuns em situações em que os indivíduos ainda não pertencem a uma rede de relações na rua. Os relatos dos interlocutores sugerem que, a partir do momento em que estabelecem vínculos, a permanência no local deixa de ser objeto de trocas, passa a ser aceita como comum ao espaço e as relações tendem a se tornar mais horizontalizadas.

Nota-se que essas relações não assumem dimensões profundas, atuando apenas com uma função compensatória para minimizar as necessidades e os riscos aos quais os indivíduos estão submetidos. Ao mesmo tempo, aparentam ser frágeis e circunstanciais, visto que em todos os casos estudados os indivíduos afirmam

que, apesar de se ajudarem, não confiam uns nos outros. Como ilustra Josinaldo:

Confiar a gente não confia, né? [...] Na rua tem gente de todo tipo, aí a gente confia, desconfiando. É aquele negócio [...], confia porque é o jeito, porque está do lado, querendo ou não está dando uma força, está dando uma mão. É melhor pensar que confia [...] Mas ter certeza mesmo da intenção da pessoa é mais complicado.

E Francisco reforça:

Eu digo assim, conheço um bocado de gente onde eu vá, mas durmo com um dos olhos abertos. Porque na vida é cada um por si. Amanhã aquele que te dá a mão, de uma hora para outra te dá uma punhalada porque você está no caminho dele. A vida deixa o camarada malandro. E a rua te deixa mais malandro ainda. Não pode dar o vacilo [...] Da rua não se leva ninguém. Um pode ajudar o outro hoje, mas amanhã é outra história. Se eu sair da rua amanhã, não vou mais nem lembrar de quem conheci aqui. Na vida é cada um por si, isso eu aprendi, dona [...] Essa é a lição que a vida dá”.

Scorel (1999) destaca que o isolamento e a solidão que marcam os trajetos cotidianos dos indivíduos em situação de rua, não se dão devido a uma rejeição aos agrupamentos, mas como um efeito da fragilidade dos suportes relacionais construídos por eles nesse espaço. Os depoimentos acima sugerem que a ausência de confiança é um elemento importante no estabelecimento dessa fragilidade.

Apesar do caráter mais frágil e ocasional dessas relações, os laços de solidariedade estabelecidos entre os indivíduos, ainda que superficiais, podem ser considerados como parte importante de seu capital social.

5 I RELAÇÃO COM NÃO-MORADORES DE RUA

Os vínculos criados com outros grupos podem representar o acesso a benefícios que muitas vezes são negados aos que não possuem os mesmos laços. A relação com outros indivíduos não-moradores de rua revela-se como uma importante fonte de capital social para a população de rua.

A maioria dos interlocutores afirma contar com o apoio oferecido pela relação mantida com outros indivíduos, não-habitantes de rua. Diferente do que foi notado nas relações entre pares de rua, observou-se que as relações com indivíduos não-moradores de rua possuem maior frequência entre indivíduos que habitam as áreas mais protegidas e com circulação menos irrestrita. Isso pode ser compreendido ao se atentar para o fato de que a própria permanência dos indivíduos nesses espaços depende do consentimento de outros atores que possuem alguma relação com esses espaços e que, portanto, exercem algum tipo de controle sobre essas áreas.

Essas redes de apoio, porém, não se restringem aos vínculos criados com

peças que participam dos seus locais de habitação, mas também com moradores, trabalhadores e frequentadores dos locais por onde circulam. Os casos estudados levam a perceber que ambos funcionam como fontes de capital através do qual os indivíduos obtêm recursos, muitas vezes regulares, que os posicionam em uma posição privilegiada, em face das condições precárias e das incertezas sob as quais vive grande parte dessa população.

Entre os recursos usufruídos a partir da rede de apoio estabelecida por esses vínculos, estão: autorização para pernoite; guarda dos objetos pessoais; acesso a banheiros; garantia de donativos, como água e alimentos; contratação de serviços, responsáveis pela maior parte da renda desses indivíduos; oferecimento de doações em dinheiro e objetos; entre outros.

José, 44 anos, habitante do Terminal Rodoviário, conta como essa relação com outros grupos de indivíduos ocorre:

Eu já conhecia o povo todo lá. Desde quando eu trabalhava lá. Eu fiz muito amigo, o povo de lá gosta de mim, eu me dou bem com todo mundo. [...] Melhor é que tem mais segurança, não tem confusão, dessas malocas. Quando eu dormia lá para cima só não levaram minha roupa, o resto levaram foi tudo [...] Lá os guardas tomam conta para não ter bagunça. Eles todinhos me conhecem. Eu chego, tomo meu banho, converso, deito lá em cima tranquilo. Nunca teve problema nenhum, não.

Um outro exemplo é o de Paulo, que relata que, assim que chegou ao Mercado Central, um ano antes, não era bem visto pelos donos e funcionários dos boxes, devido ao fato de não conhecer ninguém. Mas, com o passar do tempo, foi fazendo amizades e conquistando a confiança das pessoas, que começaram a lhe atribuir serviços, como lavagem dos bancos, limpeza das mesas, recolhimento do lixo, pequenos consertos, entre outros trabalhos. Em troca, Paulo passou a se alimentar e matar a sede nos próprios boxes. Afirma também que muitas vezes ganha presentes e que dorme dentro de um dos boxes, onde também guarda seus objetos pessoais. Segundo ele, é uma troca, pois ele dorme em segurança e cuida para ninguém mexer.

Segundo Frangella (2004), uma das grandes limitações com as quais sofrem os indivíduos em situação de rua é a falta de banheiros públicos gratuitos e a dificuldade de acesso a banheiros privados, restando-lhes, muitas vezes, apenas a própria rua para suas necessidades fisiológicas e impossibilitando o banho diário.

Isso também foi enfatizado por diversos outros informantes, ao mencionarem a falta de acesso ao banheiro como a principal consequência negativa da ausência de uma rede de relações. Os indivíduos contam que mesmo os banheiros públicos costumam cobrar uma taxa de manutenção.

As informações dadas pelos interlocutores sugerem que a constituição de

laços com outros atores urbanos revela-se não apenas como uma artimanha à qual recorrem em busca de usufruir de vantagens, mas como um recurso fundamental para que possam suprir necessidades humanas básicas e sem o qual vivenciam grandes apuros. Os indivíduos parecem ter consciência de que os recursos adquiridos ocorrem em função desses laços.

O relato de Rosângela, 49 anos, habitante das redondezas do Supermercado Bompreço, ilustra essa consciência:

O bom é quando já tem um canto certo [*banheiro*], que pode ir [...] Eu vou te dizer que o que é mais complicado não é o de comer, não. Chega em padaria, em restaurante, em lanchonete, sempre dão alguma coisa. Agora, os sanitários ninguém gosta de emprestar. Ainda mais gente de rua que são todos sujos, aí complica [...] Eu graças a Deus vou no posto [*posto de gasolina, local onde os funcionários costumam oferecer auxílio para Rosângela e seu companheiro, com quem vive na rua*], mas eu vejo muito o povo reclamar disso aí [...].

Da mesma forma, os indivíduos que não contam que o apoio que representa tais relações com outros grupos aparentam perceber a posição desfavorável sob a qual estão situados.

Gente que não é de rua não gosta de gente de rua. Xinga, vira a cara, fica de cara fechada [...] Uns tem mais sorte, arranjam [*quem ajude*]. Tem gente que não tem sorte [...] Eu mesmo nunca tive sorte. É a coisa mais difícil do mundo [*indivíduos não-moradores de rua*] tratarem bem. (Francisco)

Bel também ressalta que só consegue as coisas se pagar por elas e que gostaria de ter um lugar onde pudesse se lavar de graça. A entrevistada acredita que a sua desvantagem se deve ao fato de ser travesti e acredita que se não fosse teria mais chances de ser bem aceita pelas outras pessoas. Conta que assim que chegou na rua costumava ir atrás, mas, após ser maltratada inúmeras vezes, desistiu.

Os recursos oferecidos pelos vínculos mantidos com outros habitantes urbanos, deste modo, revelam-se como uma forma de capital social fundamental para os indivíduos em situação de rua, posicionando-os de forma desigual no campo a partir do acesso ou do não-acesso a vantagens e benefícios pela participação ou não-participação nessa rede.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No seio das condições precárias de vida na qual os indivíduos em situação de rua estão submersos percebe-se, a partir da análise apresentada, a movimentação de uma hierarquia simbólica construída pelos jogos de poder que permeiam as interações mantidas nesse espaço social.

Como pode ser observado, as redes de apoio com as quais contam os indivíduos inseridos no campo da vida de rua, em contextos peculiares e provenientes de diferentes formas de vínculos, funcionam como mecanismos que assinalam distinções entre esses agentes, fazendo com que tenham um maior ou menor domínio das adversidades que a vida de rua enseja.

Ressalta-se, nesse sentido, que os recursos proporcionados se revelam como um capital social fundamental para a compreensão das posições desiguais dos agentes na dinâmica social que cerceia o campo da rua. O capital social, assim, apresenta-se como um capital fundamental para o campo estudado, posto que o volume da sua posse vai condicionar rotinas e estratégias de sobrevivência distintas no cotidiano dos seus agentes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: **Sociologia**. Org.: Renato Ortiz. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1983.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FONTES, Breno Augusto. S. M. Redes Sociais e enfrentamento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas. **Cadernos IHU Ideias** (UNISINOS). Vol. 08, 2010.

FRANGELLA, Simone. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GEHLEN, Ivaldo e SCHUCH, Patrice. **Cadastro de Crianças, adolescentes e adultos em situação de rua e Estudo do mundo da população em situação de rua de Porto Alegre – RS**. UFRGS/FAURGS-FASC. Estudos quanti-qualitativos – RELATÓRIO FINAL. Porto Alegre, 2008.

MENDES, Mariana Vilas Bôas. **Um estudo sobre os territórios existenciais da População de Rua de Belo Horizonte**. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

OLIVEIRA, Leandro Tosta de. A (re)construção da identidade social da população em situação de rua da cidade de Marília. **Anais do Seminário Nacional População em Situação de rua: Perspectivas e Políticas Públicas**. Norma E L. S. Valencio e Angélica A. Cordeiro (Orgs.). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de Rua**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SCOTT, Parry. **Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades**. 1. ed. Recife: Editora Universitaria UFPE, 2011.

SILVA, Vivian e HERRERA, Ana Laura. Experiência de Gestão Municipal Atendimento a Pessoas em situação de rua. São Carlos. In: **Anais do Seminário Nacional População em Situação de rua: Perspectivas e Políticas Públicas**. Norma E L. S. Valencio e Angélica A. Cordeiro (Orgs.). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia profissional 124, 125, 133, 160, 161, 164, 169, 170

C

Clima organizacional 160, 161, 163, 171

Comunidades 12, 14, 15, 18, 19, 22, 25, 27, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 91, 94, 99, 103, 104, 105, 136, 151, 152, 153

Configurações 84, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Convergência ideológica 193, 198, 199

Covid-19 68, 69, 72, 74, 82

Criminalização da prostituição 193, 195, 200, 203

D

Defensoria Pública 172, 173, 174, 176, 177, 179

Desafios ambientais 12

Desregulação 68, 72

E

Educação 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 65, 66, 83, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 134, 158, 162, 203, 215, 216, 217

Educação informal 28, 29

Envelhecimento 12, 18, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 40

Envelhecimento profissional 12

Estado 3, 4, 33, 59, 65, 68, 72, 74, 76, 79, 80, 91, 94, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 152, 153, 163, 172, 173, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 204, 217

F

Família empresária 135, 137, 138, 143, 145, 146, 148, 149, 150

Feminismo abolicionista 193, 195, 199, 202

Fisioterapia 121, 122, 123, 124, 127, 130, 131, 132

G

Georg Simmel 1, 2, 3

I

Identidade 12, 15, 27, 31, 38, 50, 65, 90, 106, 107, 119, 128, 130, 132, 151, 152, 154, 156, 159

Interculturalidade 28, 30

J

Jogos escolares 90, 91, 92, 96, 97, 99, 100, 105, 106

Jogos indígenas 90, 106

L

Lugar de sujeito e indivíduo 83

M

Marx 4, 10, 181, 182, 185, 186, 187, 192

Mercados 12, 41, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 135, 137, 141

Michel Foucault 83, 89

Migração 28, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 71

MMA 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 18, 20, 25, 65, 84, 207

Moto clubes 151, 152, 155, 157, 159

Mulher 69, 73, 80, 81, 114, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216

N

Norbert Elias 83, 88, 89, 92, 173, 207

Novas substâncias psicoativas 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53

P

Peruzzo 57, 62, 67, 153, 159

Poder 25, 30, 35, 57, 62, 63, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 100, 103, 104, 109, 111, 114, 118, 119, 124, 126, 128, 129, 130, 133, 135, 138, 145, 160, 162, 164, 169, 170, 171, 175, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 202, 205, 206, 209, 210, 213, 215, 217

Políticas públicas 41, 43, 44, 49, 51, 52, 53, 55, 66, 72, 74, 119, 120, 149, 163

Posições desiguais 108, 119

Processos civilizadores 172, 206, 215

Prostituição 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Protocolo familiar 135, 137, 139, 141, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Q

Questão penitenciária 172, 174, 179

R

Redes de apoio 108, 109, 113, 114, 116, 119

Reflexividade 135, 149

Regulação 68, 71, 73, 74, 77, 79, 80, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 146, 163, 171, 193, 203, 209

S

Saber popular 55, 64

Saúde 29, 32, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 55, 56, 57, 58, 59, 63, 66, 75, 96, 98, 103, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171

Situação de rua 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120

Sociologia da ação 180, 184, 191

Sustentabilidade 12, 17, 18, 25, 26, 27

T

Técnicos superiores de radiologia 160, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 171

Trabalho na pesca 12

Trabalho sexual 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204

W

Weber 4, 11, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 